

## A história e a filologia na *Ciência Nova* de Giambattista Vico

**Abstract:** In his youth, Giambattista Vico dedicated himself to Law studies in a very particular political atmosphere, and developed his academic activity using Rethoric as a philosophical speculation, intending to enlighten Law and History. The foundation of Vico's philosophy lies on the new imposition given to the problem of knowledge. Furthermore, the author of *Scienza Nova* perceived the importance of the history involving each human being, stating that through the study of Philology and Etymology it is possible to acquire the knowledge of ancient societies' spiritual life, tales, poets, and life on the dawn of civilization.

**Keywords:** Giambattista Vico, Philology, History, *La Scienza Nova*.

**Resumo:** Giambattista Vico, na juventude, dedicou-se ao estudo das leis e formou-se em uma atmosfera política muito particular, desenvolveu sua atividade acadêmica pela retórica, como especulação filosófica destinada a lançar novas luzes sobre o direito e a história. O fundamento da filosofia viquiana está na nova imposição dada ao problema do conhecimento. Além disso, o autor da *Ciência Nova* percebeu a importância do homem histórico, afirmando que através do estudo da filologia e da etimologia se pode chegar ao conhecimento da vida espiritual dos povos mais antigos, das fábulas, dos poetas, da vida da aurora da civilização.

**Palavras-chave:** Giambattista Vico, filologia, história, *Ciência Nova*.

Giambattista Vico, pensador da Itália meridional que “não só via como estranho em sua pátria mas também desconhecido” conforme suas próprias palavras da autobiografia, nasceu em Nápoles, em 1668, de origem humilde, sendo seu pai um vendedor de livros; faleceu no mesmo lugar em 1744.

O reino de Nápoles, sob pesado jugo espanhol, que vinha desde 1504 nas mãos de um vice-rei, constituía-se, na extensão geográfica da cidade, de um conglomerado de imponentes palácios onde habitavam alguns nobres e seus serviçais, enquanto que a plebe se espalhava pelas áreas periféricas e suburbanas; junto ao mar, permeando esses dois pólos, vivia uma classe intermediária, dedicada às atividades administrativas, culturais e comerciais.

A situação político-social dessa época era agravada pela pressão que lhe infligia um clero secular e numerosas classes religiosas, que depois da revolução de 7 de julho de 1674, levaram os espanhóis a apoiarem-se sobre ela como base de seu domínio. Aí Vico passou a infância e a adolescência.

Apesar de tal atmosfera sufocante, não faltavam estímulos culturais de relevo. Porque, na segunda metade do século XVII, aquele Reino iniciou o lento despertar para o florescimento do Iluminismo.

Além da cultura humanística de tradição seiscentista e aristotélico-escolástica que se aprendia na escola, circulavam livros e homens vindos de várias partes da Europa e que traziam princípios de baconismo, cartesianismo, libertinismo e neopicurismo, inspirando reflexões pessoais em espíritos mais alertas e menos servís, como os de Vico, Giannone, Doria, Broggia, Intieri, Riccardi e Celestino Galiani (Aiello, 1977)<sup>1</sup>.

O jovem Giambattista, na infância pobre e marcada por um grave choque craniano que sofreu na casa de seu pai, atrasou-se no curso primário regular, devido ao longo repouso a que teve de se submeter; conseguiu aproveitar muitas horas de estudo feitas através de cursos e lições particulares, mas sobretudo de intenso trabalho autodidata, o que lhe possibilitou o domínio e o conhecimento em todos os setores da cultura disponível em Nápoles da época.

Em 1698, pelo prestígio adquirido com o acesso aos círculos e salões culturais, obteve a cátedra de Retórica, na Universidade de Nápoles, o que mal lhe proporcionou o sustento da esposa Teresa Caterina Destito e de oito filhos, mantendo-o na pobreza até a morte, pois nem mesmo conseguiu melhorar a sua situação acadêmica.

Além da cátedra de Retórica ou Eloquência, deu aulas particulares, escreveu dedicatórias, inscrições ocasionais e panegíricos escritos em latim.

Compôs e recitou seis orações inaugurais que tratam do método, das finalidades dos estudos e a sétima, *De nostris temporis studiorum ratione* (*Da razão dos estudos de nosso tempo*, 1708), é uma vigorosa oposição ao método cartesiano, enquanto Vico contrapõe a fantasia à cultura científica moderna (ou seja, à cultura barroca) e reafirma o valor da eloquência e da poesia.

Em 1710 sai o primeiro livro de um tratado que ficou incompleto, *De antiquissima Italorum sapientia ex lingua latina originibus eruenda* (*Da antiquíssima sabedoria dos italianos, oriunda das origens da língua latina*), onde, entre outras coisas, afirmava que a língua filosófica fora criada a partir de uma seita na Itália anterior a Pitágoras.

Tendo entrado na Arcádia nos anos seguintes, começou a escrever algumas obras históricas, um comentário de Groz sobre problemas históricos e jurídicos, preparando-se para a maturação de *De universi iuris uno principio et fine uno* (*Do princípio e fim uno do direito do universo*, 1720) e *De constantia iurisprudentia* (*Da coerência do jurista*, 1721) que escreveu depois de ter perdido a cátedra de direito civil que tanto desejou, e para a qual vinha se preparando desde a juventude.

Enquanto na Europa iluminista campeavam, no início do século, os resultados da mais moderna experiência da metodologia científica de Bacon ao atomismo de Gassendi, do racionalismo de Descartes ao intelectualismo de Leibnitz, do jusnaturalismo de Groz ao empirismo de Locke, do racionalismo estético de Boileau ao classicismo francês do “grande século”<sup>2</sup>, Vico desenvolvia sua atividade acadêmica pela retórica, como especulação filosófica destinada a lançar novas luzes sobre o direito e a história.

Os doutos pensadores europeus da época firmavam-se sobre uma total visão alternativa à do Cristianismo oficial católico e protestante: não menos densa era a visão do mundo do nosso autor, que partia das extremas posições anti-renascentistas do calvinismo.

O cartesianismo como sistema de pensamento construído sobre o *eu* pensante, vencidas algumas resistências iniciais, penetrou na Itália com a sua capacidade de desvitalizar e abolir o que de divino e emocional havia no mundo natural com vantagem para o Cristianismo mais rígido, qual o dos jansenistas e o de Malebranche. Mas essa influência cartesiana, aliada à obra anônima de Arnauld e Nicole, de Port Royal, foi no sul da Itália menos difundida bem como o dos fautores ingleses da experiência e da ciência, adquirindo um especial significado a admiração que Vico nutria por Bacon e um interesse também especial por Boyle.

Na juventude, o autor napolitano que se dedicou, primeiramente, aos estudos das leis, ensinando-as aos sobrinhos do Bispo Gerolamo Rocca, da região de Salerno, prosseguiu depois, em nove anos de profunda dedicação, ao conhecimento de Homero, de Platão e dos filósofos, oradores e poetas clássicos, além de Dante, Petrarca e Boccaccio, apaixonando-se especialmente pelos historiadores, dos quais o predileto foi Tácito.

Mas um componente cultural bastante significativo, e nem sempre relevado nessa época, era o interesse pelas antiguidades orientais, além do que podiam oferecer os documentos gregos e latinos. Estas, já do gosto renascentista, conheciam-se pelo impulso dado ao estudo dos hieróglifos e da descoberta da língua copta, o que incentivava as pri-

meiras explorações de estudiosos ocidentais, nas províncias mesopotâmicas e levantinas do Império Otomano (Said, apud Rivero in *Vico oggi* <sup>3</sup>).

Também a atmosfera política totalmente diferente, que se estabeleceu na Sicília e em Nápoles borbônicas, depois da vitória espanhola sobre os austríacos, em Bitonto (1734), contribuiu muito para desvincular as diretrizes culturais do controle eclesiástico, ainda bastante fortes. Sob esse clima, desenvolveu-se a obra fundamental de Vico que, lentamente, publicava opúsculos e tratados contendo os germes de sua obra-prima e dos seus escritos mais notáveis, como os já citados e das várias redações da *Scienza Nova*, desenvolvidas em vinte e cinco anos de estudo e de meditação. Os *Principi di una scienza nuova intorno alla natura delle nazioni* (*Princípios de uma ciência nova acerca da natureza das nações*), que foram publicados em Nápoles em 1725, foram refundidos e ampliados em 1730, com edição definitiva em 1744, publicada postumamente.

Diante da evolução cronológica de tal engenho, muitos estudiosos vêem que a mudança das suas idéias representa a passagem de “uma metafísica das formas ou dos gêneros” à “metafísica do *divenire umano*”, segundo E. Garin, citado em *Vico oggi*, 1979<sup>4</sup>.

Não podemos deixar de nos referir à imensa interpretação do pensamento viquiano que fizeram homens do século passado como Croce e Gentile, que representam uma interpretação do século XX e que encontrou até hoje algumas contestações oportunas; porém, sem nos atermos a ela passemos a certas considerações sobre a importância de algumas leituras modernas que, a nosso ver, apontam novas direções no caminho do filósofo setecentista.

Durante muito tempo e considerado por importantes epígonos do filósofo, Vico foi para eles “um filho tardio do Renascimento” (Garin, 1979), pois todos os grandes temas da batalha teórica combatida séculos atrás, pelos humanistas quinhentistas, tais como “a sua filologia”, o discurso sobre as fábulas antigas, o canto, a história narrativa, a poesia, as reflexões sobre as línguas, sobre a imaginação, sobre os costumes dos vários povos e sobre a vida civil, temas que, banalizados no século XVII e marginalizados ou vistos com outra perspectiva no século XVIII, ressurgiram com nova força no XIX, induzidos os eruditos a retomá-los e a republicar-lhes os textos.

Enquanto para os eruditos do seu século isso significava uma descoberta e, portanto, um retorno ao humanismo quinhentista, para Vico, essa tradição estava no centro do seu interesse, representando uma continuidade italianíssima do humanismo renascentista. Só ele, po-

rém, teve condições de robustecer e renovar, mesmo dentro da Itália, a crítica original e única, transformando-a numa hermenêutica filosófica, como veremos adiante.

É oportuno lembrar, nesta passagem, que não foi menor a familiaridade que manteve com a ciência do seu tempo bastando, para isso, reconhecer a firmeza e a energia com que se dizia um “anti-cartesio”, um anticartesiano.

Quis Vico contrapor a própria “ciência nova acerca da comum natureza das nações às novas ciências de Galileu acerca dos cursos e recursos dos corpos celestes” (Garin, 1979), entretanto reprova Galileu por ter ele construído a física “com olho de geômetra e não com o lume da metafísica” (id.).

Tanto a florescente física-matemática de matriz galileana como a física geométrica cartesiana, aos olhos de Vico, falhavam porque “Galileu e por outro lado, Descartes, acreditaram poder construir o mundo geometricamente, a priori” (ib). Daí o século XVII, apoiado pela fé numa correspondência ontológica entre a realidade e os símbolos matemáticos, foi desafiado por um nominalismo que negava as origens abstratas dos sistemas matemáticos e cosmológicos e tendia ao ceticismo.

A essa tendência seguiu-se a resposta viquiana contra Michelangelo Fardella, já seu contemporâneo, que sustentava: “Deus criou todas as coisas segundo peso, número e medida, isto é, segundo as leis da estática, da aritmética e da geometria” (Trapani, cfr. Garin ap. Mondolfo<sup>5</sup>).

Em outro passo, referindo-se ao método geométrico, que demonstra as coisas da física como verdadeiras, diz Vico:

estas coisas da física que por ação e virtude do método geométrico se mostram como verdadeiras são apenas verossímeis... demonstramos as proposições geométricas porque as fazemos: se pudéssemos demonstrar as da física fá-lo-íamos (*De nostris temporis*).

Apesar da aparente incompreensão atribuída a Vico da física galileana que queria exatamente reproduzir os fenômenos, a fim de conhecê-los e justamente “per causas”, através da experiência e entendendo a sua necessidade, acreditara alcançar o seu conhecimento científico, a oposição entre o conhecimento humano e a “compreensão divina”, que não colide com a inovação de Galileu pois que Vico considera “Deus, artífice da natureza e a alma, por assim dizer, um Deus das Artes” (Inaug, in *De Italorum sapientia*). Por outro lado, para Vico, o conhecimento humano é apenas “uma imagem plana, quase uma pintura (*De Antiquissima*), confirmando o conceito de Leonardo da Vinci,

segundo o qual, a pintura era a segunda criação da realidade, feita pela fantasia, que penetra em profundidade, além da superfície e, por isso, é capaz de conhecimento verdadeiro” (Mondolfo, op. cit.).

A aparente contradição expressa pelos adjetivos “plana” em Vico e pela locução “em profundidade”, atribuída a Leonardo para quem a antítese é completa desfaz-se, por sua vez, pela idéia comum da “criação humana” e “segunda criação” que encontramos nos dois pensadores.

Como podemos ver, foi dentro desse contexto intelectual que Vico e os iluministas voltaram às discussões dos humanistas quinhentistas sobre as ciências e sobre as artes.

Vico, longe de ser um “solitário tardio” é, exatamente, colocado na volta neo-humanista do século XVIII, com uma singular consciência da crise epistemológica da revolução científica que ele teve o mérito de pôr em discussão, mais ainda do que o cartesianismo, da interpretação matemática da física (Garin, op. cit.).

Essas discussões provocaram uma redução da supremacia das ciências exatas e aumentaram o respeito pelas ciências humanas; isso implicava um novo fundamento das ciências da natureza, que não se consideravam descobridoras das estruturas naturais e, sim, como *construções do homem*.

Na verdade, o critério de que ter ciência de uma coisa é fazê-la, para Vico só se aplicava ao “regnum hominis”, ao mundo humano da história e da cultura, produto do homem e apenas conhecido pelo homem, o que foi a sua grande descoberta: “O homem não pode conhecer a natureza *per causas* porque a fez Deus Ótimo Máximo; o homem só pode conhecer a história por que a faz”<sup>6</sup>. Com o princípio da identidade entre o fazer e conhecer “*verum factum convertuntur*”, no qual se encontram e se identificam tantas vezes os ecos renascentistas, Vico é o herdeiro legítimo desse passado, com o qual renova o seu século e com ele assume ainda a função crítica do saber; com essa base na história reelaborada em uma nova filosofia da cultura, abre novos horizontes à filosofia moderna.

O seu sentido da história, que já não se confunde com o do seu tempo, preludia o verdadeiro historicismo do século XX.

Surgindo assim no início do século XVIII como um dos aspectos mais importantes da reação ao neoclassicismo estético, constitui o cerne da oposição crítica de Vico: as leis estéticas universais, análogas às da física newtoniana, de acordo com o espírito iluminista, constituem o seu objetivo fundamental.

A tradição humanística ainda não tinha sido claramente individualizada, pelo menos no pensamento francês, inglês e alemão, onde permanecia primariamente estética, literária e a histórica<sup>7</sup>.

Portanto, com a filosofia da imaginação, com o primado da imaginação ou fantasia sobre a razão, Vico sobrepõe a filosofia tópica sobre a racional: mas a retórica que predomina sobre o discurso lógico não é a dos gramáticos precedentes, cuja poesia é imitação, como ensinou Aristóteles. A poética viquiana é a da poesia como uma forma pura do espírito, é a primeira linguagem do homem, uma forma de conhecimento – a forma intuitiva – incapaz de chegar a conceitos universais, a qual é espontânea na criança e na infância dos povos: “O homem primeiro sente sem perceber, depois percebe com espírito comovido e perturbado, finalmente reflete com mente pura” (*Ciência Nova*<sup>8</sup>).

O fundamento da filosofia viquiana está na nova impostação dada ao problema do conhecimento.

A primeira forma do conhecimento é traduzida pelas formas poéticas: 1) da vida sensitiva; 2) da vida da fantasia: processo que se verifica no ser, como um ciclo: as manifestações de uma criança (o riso, o choro) são expressões do “sentir sem refletir”, depois a criança fala, é o período das fábulas, da imaginação: ninguém pode convencer uma criança com a racionalização; o centro é a fantasia, o jovem e o herói que cantam e contam as fábulas que estão nos mitos que são a história dessa humanidade bárbara e heróica. Depois o homem raciocina, reflete, processo de toda a humanidade em cada nação. O círculo se fecha e o homem chega ao estágio superior para depois em espiral voltar a uma barbárie, um heroísmo e uma reflexão que contém a destruição. Para procurar esses cursos e recursos, Vico se serve dos poemas das origens de todas as nações, dos documentos mais antigos dos hebreus, a *Bíblia*, dos antigos, Homero e de toda a mitologia caldaica, egípcia e dos povos anteriores, dos italianos com a *Divina Comédia*, do francês com a *Canção de Rolando* e dos demais latinos. Com todo esse material filológico, Vico examina a ordem política e social das três fases dos povos: nascimento, florescimento progressivo, mente pura; democracias até a decadência, involução das guerras, que termina por ser absorvida, e retorna à barbárie. O novo ciclo nunca começa como o anterior, guarda um pouco desse interior e se repete em espirais. Nas guerras mundiais atinge-se a hegemonia de uma nação pela oposição às outras entre elas. A verdade ou o *verum* (verdadeiro) é constante nos elementos constantes dos povos. A linguagem racional sucede à poética porque a poesia “em termos de linguagem” tem “uma ordem imanente que

se colhe na unidade dos sentidos, da memória e da fantasia” (Bosi, “Uma leitura de Vico”, in *O Ser e o tempo da Poesia*<sup>9</sup>).

Foi igualmente viquiana a intuição de que, do estudo da filologia e da etimologia se pode chegar ao conhecimento da vida espiritual dos povos mais antigos, e das fábulas, dos poetas, da vida da aurora da civilização. A isso ele juntou, por ter discernido um novo nexu entre a linguagem, o conhecimento e a poesia, a possibilidade de conhecer a origem das nações e o direito natural dos povos, além dos limites da história. Nessa concepção, aparece primeiro a linguagem de Homero e depois, a de Aristóteles. A narrativa dos poetas “vera narratio” (verdadeira narrativa) é o repositório da sabedoria do mundo remoto.

“Os homens são naturalmente levados a conceber as coisas que não conhecem” pela semelhança das coisas conhecidas e, por isso, enquanto fazem para si “as regras do universo” julgam-nas segundo a “própria natureza” e dão às “coisas inanimadas e brutas, movimento, sentido e razão” (*Ciência Nova*). Assim, querendo explicar o raio e o trovão, imaginaram o céu como um vasto campo animado que, bramindo, rosnando e estremeando, falasse e quisesse dizer alguma coisa. Do mesmo modo, procuraram explicar-se os outros fenômenos novos e obscuros e formaram-se as primeiras fábulas e os primeiros mitos dos poetas, como da impossibilidade do homem primitivo de abstrair, nasceram os “monstros poéticos”, resultantes de elementos diversos, por exemplo, os sátiros, o deus Pã e, em tempos posteriores o hipogrifo. Do desejo de explicar-se como um corpo tem as qualidades do outro, nascem as metamorfoses. Fábulas e mitos poéticos são, pois, o “sermo symbolicus”, a linguagem pré-histórica do homem primitivo, são a história na poesia e nos permitem remontar à concepção da civilização a qual em uma idade mais madura encontrou sua voz no canto dos poetas. Daí o seu axioma ou “degnità”: “Todas as histórias barbáricas têm seus princípios fabulosos” (*Ciência Nova*) e se expressam com linguagem poética.

Todas essas assertivas, tiradas da *Ciência Nova*, da parte de quem examina as figuras e os fenômenos artísticos e onde se preocupa com a produção poética – constituem, no conjunto, os componentes da “lógica poética”, também chamada de “universais fantásticos”, signos constituintes do primeiro vocabulário mítico.

Mas a evolução das idéias estéticas, no decorrer dos séculos posteriores, não seguiu o destino apontado pela obra do napolitano: ao contrário, um pouco mais tarde, surge a *Estética* de A. Teodoro Baumgarten (Berlim, 1714-1763) em que a poesia é um jogo do espírito do qual nasce o prazer e não uma necessidade da natureza do espírito.

A superação da retórica renascentista e a situação da hermenêutica contemporânea encontram-se, na medida em que a dimensão transformadora daquela levada a efeito por Vico, pode dirigir nossos estudos e modificar igualmente a nossa atitude de compreensão da história, realizada e vivida por nós.

Em um artigo intitulado “Rethoric and Hermeneutics”<sup>10</sup>, Rickman sublinha a existência de uma relação recíproca entre retórica e hermenêutica:

a retórica tem por objeto o processo de comunicação, do ponto de vista de quem fala, escreve ou mesmo se expressa, enquanto a hermenêutica tem por objeto os problemas de quem lê, ouve ou observa. A hermenêutica funda-se sobre o pressuposto de que, em princípio, toda comunicação humana é compreensível: “...temos confiança na comunicação humana porque julgamos ter uma natureza comum e, pelo menos, nos aspectos essenciais todos os seres humanos funcionam do mesmo modo”. O leitor de Vico terá reconhecido uma alusão ao seu famoso primeiro princípio que se tornou parte das tentativas de reconstruir os fundamentos epistemológicos das disciplinas humanísticas... O princípio viquiano segundo o qual a mente só pode compreender o que ela pode criar é a ligação entre a hermenêutica e a retórica.

Dada a variedade de concepções e modos das modernas disciplinas e tendências, ainda não se chegou a uma função verdadeira e unificadora, mas seguramente, pode-se chamar a hermenêutica de Vico, no atual sentido de hermenêutica, como teoria da cultura ou filosofia da cultura como ponto de referência.

Retomando o cerne da questão que nos envolve com o papel epistemológico atribuído por Vico à fantasia, no sentido abrangente que lhe deve o grande napolitano, retomemos algumas reflexões originais de Auerbach (1892-1957) para chegarmos à concepção de filologia em Vico como uma “nova arte crítica”, ou seja, à nova concepção da história.

O estudo do homem, do homem primitivo no alvorecer do seu estado social como uma imagem concreta, pela primeira vez, foi formada por Vico e constitui a sua descoberta mais importante até atingir uma totalidade orgânica na época das utopias racionais. Vico encontrou, na sua concepção de universal fantástico, o princípio de uma forma espiritual pobre de força lógica e muito mais rica de emotividade “sensorial”, de gênio poético e de fantasia, com o qual os homens criaram um sistema inteiramente fantástico mas também rigoroso e mágico-ritual<sup>11</sup>. É a história no seu desenvolvimento orgânico: pais ciclóticos, sacerdotes juizes absolutos de família, escravos e propriedades, lutas sociais até o feudalismo e as repúblicas aristocráticas, da

gradual vitória da razão equiparadora e a fé na igualdade de todos, até a civilização das democracias e das monarquias e daí ao declínio e volta a uma segunda barbárie como foi considerada por Vico a Idade Média, como encontramos em um seu trabalho: “Dante, poeta da barbárie retornada” (in *Opere* cit). Dessa descoberta emanam as concepções sobre a linguagem, poesia, direito, doutrina do estado e da economia familiar. Quanto à teoria lingüística, essa pressupõe a idéia de que a linguagem dos primitivos representa as coisas - uma língua que naturalmente *significa* ou “um falar fantástico por substâncias animadas”. Essa estética tem suas raízes na época heróica e divina em que os homens eram poetas por natureza e faziam de suas vidas um austero poema. A providência divina operou entre os primitivos por vias naturais, ela não procede do exterior com intervenções miraculosas, mas se desdobra do interior da história, porque a providência é um fato histórico, filológico, porque o método de Vico é a interpretação dos mitos, dos documentos jurídicos e lingüísticos mais remotos e dos poemas e das fábulas mais antigas acessíveis a ele. “É a nova arte crítica sobre os autores de todas as Nações”, como ele gostava de chamar a filologia (Auerbach, 1956).

A erudição do tempo não lhe fornecia material pré-histórico nem etnográfico, nem orientação antiga relativa aos primitivos; também a Idade Média era uma entidade quase desconhecida. Vico afirma que todo o material de que dispunha vinha da ciência antiquária greco-latina, do Barroco tardio. Vico não se cansa de afirmar que a nova arte crítica se aplica por ele aos formadores dos povos e não, como pelos doutos, aos escritores que, pelo curso da tradição, deformadas as empresas e os entendimentos, perderam o entendimento da natureza. A crítica erudita, exercida sobre os executores, constitui-se nas exegeses, a hermenêutica é apenas uma sessão da filologia: essa é o objeto da nova arte crítica que Vico transfere aos mais antigos documentos da língua, do direito, da religião e da poesia, e se torna o objeto da filologia. Assim, a *Ciência Nova* está repleta de interpretações filológicas muitas vezes do tipo fantástico e especulativo. Essa arte é nova para Vico e para ele foi difícil encontrá-la; às vezes dá-lhe o nome de crítica metafísica ou crítica filosófica:

Para chegar ao modo de tal primeiro pensamento humano, nascido no mundo da gentildade, encontramos ásperas dificuldades que nos custaram a pesquisa de bem vinte anos e tivemos de descer dessas nossas naturezas humanas enobrecidas ou (civilizadas) àquelas absolutamente ferozes e enormes que nos impediram completamente de imaginar e só com grande dificuldade e sacrifício nos permitiram entender (*Ciência Nova*).

Eis o elemento novo, filosófico e difícil a que Vico aludia – trata-se do antigo problema hermenêutico da compreensão, um caso extremo e singular: um homem do século XVIII procura entender a natureza dos homens primitivos. Mas ele superou essa dificuldade também do ponto de vista teórico de “modo genialíssimo” (Auerbach, 1956), muito próximo pelos menos de uma solução definitiva do problema comum dos homens. A nova arte crítica, efetivamente tem fundamento no senso comum dos homens, ou seja, naquela faculdade da qual todos participam. É um juízo sem reflexão específica, uma disposição natural graças à providência divina, para determinar formas de vida e de evolução comuns a todos os homens e a todos os povos. As características essenciais de cada estado em particular da civilização, à parte as diferenças ligadas a condições naturais diversas, são em todo o lugar, as mesmas. Aliás, essas não são passadas de um povo a outro nem foram tomadas do exterior, de um indivíduo a outro, cada grupo humano e cada nação vem desenvolvendo por si. O direito natural era comum à inteira humanidade quando os povos aprenderam a conhecer-se nas guerras, nas embaixadas, nas ligas e nas relações comerciais. O senso comum não é um dado da razão, fundado no instinto e no costume; é uma disposição, uma estrutura, e as tradições, as leis, as disposições fixadas por sua obra não são verdades filosóficas, *verum*, mas formação consuetudinária, arbitral, *certum*, ou também “autoridade do arbítrio humano”. Esse *certum* é objeto da filologia hermenêutica que se denomina nova arte crítica.

Pertence, portanto, às reflexões mais caras de Vico, também uma idéia de uma linguagem mental comum: ou a hipótese de *uma língua interior comum a todos os homens*, reduzindo-se a variedade das línguas articuladas unicamente aos diversos aspectos dessa língua comum interior. O pensamento fortemente permeado de platonismo, remonta à *Ciência Nova*, onde ele tentava, com uma análise das várias denominações possíveis, o conceito de país na constituição familiar dos tempos heróicos, um esboço do léxico dessa língua. Também na última redação, Vico volta muitas vezes a essa idéia, por exemplo, remonta aos provérbios particulares, diversos na forma, mas idênticos no sentido, *exatamente essa língua comum interior : L'ozio è il padre di tutti i vizi* (a preguiça é a mãe de todos os vícios), essa língua interior ou *coiné* do gênero humano que é a língua dessa Ciência.

O “*sensus communis generis humani*” (o senso comum do gênero humano) não é limitado às fases respectivamente distintas da evolução humana, uma vez que essas últimas em potência encontram-se todas juntas no interior das disposições estruturais do espírito humano.

“Só se pode conhecer o que é criado”, é o mundo histórico, é obra do homem, também quando ele tenha criado sem o seu conhecimento – consciência dele como cego instrumento da providência, produto do homem, o mundo histórico consente a quem o fez, conhecer o desígnio da providência e, portanto, a si mesmo e à própria história. O senso comum torna-se não somente o princípio objetivo da evolução histórica correspondente, mas também a fundação subjetiva de uma compreensão histórica, ou seja, daquela filologia como entendeu realizar Vico (Auerbach, op. cit.).

Quando Vico declara que “a fala poética que meditamos por força dessa lógica poética, decorreu assim por longo período dentro do tempo histórico como os grandes e rápidos rios se espalham bem dentro do mar e conservam doces as águas trazidas com a violência dos cursos”, faz-nos compreender, com a comparação poética, que os três estágios da humanidade não se justapõem linear e separadamente um do outro, mas cada um guarda muito do anterior assim, como os graus da evolução humana seguem na praxe, mas dão-se também juntos na estrutura do espírito humano. Em seguida, escreve:

Ora, para entrar na difícilíssima maneira de formação das três espécies de línguas e de letras deve-se estabelecer este princípio: – que, como ao mesmo tempo começaram os deuses, os heróis e os homens – porque também eram homens os que criaram fantásticamente os deuses e acreditaram na sua natureza heróica, misturada à dos deuses e dos homens – assim, ao mesmo tempo, começaram as três línguas.

Contudo, mais ainda que desse compenetrar-se empírico dos estados históricos, a idéia a que Vico se refere mais freqüentemente é a íntima contemporaneidade da história universal e do homem que a conhece,

quem medita sobre esta ciência narre a si mesmo essa história ideal eterna em quanto, sendo este mundo de nações certamente feito pelos homens e, por isso, deve-se reencontrar o modo das modificações dentro da sua própria mente – ele, nessa prova, deveu, deve e deverá ele próprio fazê-la, porque onde quer que ele faça as coisas, ele próprio deve narrá-las: aí não pode ser mais certa a história.

A essência intimamente humana da história que permite ao homem o seu conhecimento como o patrimônio do qual é o criador, é o pressuposto fundamental da *Ciência Nova*, é o conteúdo do senso comum do gênero humano. Recorrendo a isso, Vico exercita a nova arte crítica, vale dizer, a exegese dos documentos mais antigos, o que é um

trabalho filológico. Na verdade, como já se sabe, ele ama chamar essa arte de filosófica e, na maior parte das suas asserções, junta duas ordens de provas: filosóficas e filológicas como define respectivamente.

Mas o centro do sistema permanece sempre a exegese dos documentos, como Homero, a lei das doze tábuas, a *Bíblia* e a interpretação dos mitos e das fábulas.

Na *De constantia philologiae (Da coerência da filologia)*, que é o segundo dos dois livros nas *Opere Giuridiche*, Vico formula a pergunta: O quê é a filologia? E para completar a resposta, escreve:

Com uma ousadia que, se não pode assegurar com certeza um resultado fecundo, pelo menos nasce seguramente de uma aspiração pura – por isso decidimos discorrer neste livro sobre os princípios da humanidade (*cujo estudo é justamente a filologia*) com os argumentos necessários que tomamos das nossas naturezas de homens corrompidos (ou civilizados) e [decidimos] regular a filologia segundo uma norma científica.

“Os filólogos” – disse na *Ciência Nova* de 1725, “sob cujo nome se compreendem ali poetas, historiadores, oradores e gramáticos, os últimos os quais se dizem eruditos” e, para convencer-nos de sua seriedade, basta recordar como dá a Homero o apelativo de pai de toda a erudição grega; também os estudiosos do direito pertencem à filologia, à ciência do certo.

Na última redação da *Ciência Nova*, passa-se muitas vezes em resenha a jurisdição da filologia e se sublinha a sua amplitude com maior força porque se tem uma visão unitária do seu objeto.

Temos, a seguir, algumas das reflexões de Vico sobre filologia:

A filologia, ou seja, a doutrina de todas as coisas que dependem do arbítrio humano, tais como são todas as histórias das línguas, dos costumes e dos fatos... ou mesmo: a filosofia contempla a razão de onde vem a ciência do verdadeiro; a filologia observa a autoridade, a autoridade do arbítrio humano do qual vem a consciência do certo.

Cada uma dessas definições é contraposta a uma definição de filosofia enquanto se exige que a filosofia permeie a filologia: isso se deve realizar aqui (na *Ciência Nova*) com o auxílio da nova arte crítica... Aqui a filosofia examina a filologia, reduzindo-a a uma nova ciência ao descobrir nela o desenho de uma ciência ideal eterna... E reafirma Auerbach que é na filologia que se descobre esse desenho, o seu objeto é a autoridade do arbítrio humano onde se compõe a totalidade das estruturas humanas, o *certum*. Porém, o arbítrio é determinado e também cognoscível mediante o “*sensus communis generis humani*”.

Será portanto legítimo considerar a *Ciência Nova* uma obra filológica, a primeira obra da filologia, entendida da filologia que, depois os séculos XIX e XX, muitas vezes, com outro nome teve um lugar de primeiro plano e um papel importante. Vico fundou-a, antes de todos, sobre o pressuposto da comunhão do humano: o que contava para ele era o homem em geral. Os pósteros, em seguida, voltaram-se nas suas pesquisas a períodos, movimentos, a povos, a figuras particulares, mas conservaram o quadro do homem em grande dimensão: imperativo para não renunciar à esperança de poder compreender o seu objeto humano e, em última análise, a si próprios. Nesse sentido, a filologia torna-se a quinta essência da ciência do homem, enquanto ser histórico, e inclui todas as disciplinas que postulam o mesmo objeto, a começar, portanto, da que em acepção rigorosa se diz *ciência histórica*. A sua possibilidade baseia-se no postulado de que os homens possam compreender-se reciprocamente, de que exista um mundo humano comum participativo e acessível a todo indivíduo. Sem essa convicção não haveria uma ciência do homem histórico, uma filologia.

O autor da *Ciência Nova* viu um homem histórico no seu conjunto e viu que ele próprio era homem para compreendê-lo; não formou à sua imagem, não descobriu a si próprio no outro, mas o outro em si próprio; descobriu-se a si próprio, o homem da história e trouxe assim à luz forças por longo tempo sepultas em nosso ser.

“Essa é a sua humanidade, algo de muito mais profundo e perigoso do que comumente se entenda com essa palavra. Não obstante, ou talvez por isso mesmo, pôde descobrir a realidade comum a todo o homem e fixá-la para sempre” (Auerbach, op. cit.).

Para concluir, com o papel epistemológico que o grande napolitano atribuiu à fantasia, no sentido abrangente que lhe deve, só ela, e não a razão absoluta e apriorística, tem a capacidade de aprofundar o conhecimento da natureza humana na sua comunicação, como quer que ela se expresse por hábitos, mentalidades e linguagens dos povos a criar a “nova hermenêutica” e, com ela, instaurar a compreensão universal para que os homens, “cuja terceira natureza inteligente, humana por isso modesta, benigna e racional, reconhecendo por leis a consciência e a razão e o dever” (*Ciência Nova*) possam realizar-se na sua “história ideal eterna”.

## Notas

1. Aiello, A. In: *Nuove idee e Nuove Arti nel '700 italiano*. Atti dei Convegni dell'Accademia dei Lincei, 26. Roma: Edizioni dell'Accademia, 1977.
2. Sapegno, Natalino. *L'estetica e la filologia nell'età di Giambattista Vico*. Firenze, La Nuova Italia, s/d.
3. Said, Edward. In: *Vico oggi*, a c. Di Andrea Battistini. Roma: Armando, 1979.
4. Garin, Eugenio. In: *Vico oggi*, a c. Di Andrea Battistini. Roma: Armando, 1979.
5. Mondolfo, Rodolfo. *Verum factum*. Buenos Aires: Siglo Ventuno, 1971.
6. Vico, Giambattista. *Opere filosofiche e Opere giuridiche*, a c. Di Paolo Cristofolini. Firenze: Sansoni, 1971 e 1974. \_\_\_\_\_. *Opere*, a c. di Fausto Nicolini. Milano: Ricciardi, 1953.
7. Grassi, Ernesto. "Rethoric as Philosophy". In: *Vico oggi*, a c. Di Andrea Battistini. Roma: Armando, 1979.
8. Vico Giambattista. *Ciência Nova*. Tradução inédita de Vilma De Katinszky B. de Souza. São Paulo: Hucitec, (no prelo). Todas as citações em português.
9. Bosi, Alfredo. "Uma leitura de Vico". In: *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Edusp, 1977.
10. Tagliacozzo, Giorgio. "Vico filosofo del XVIII secolo - ma anche del nostro tempo". In: *Leggere Vico*, a c. di Emanuele Rivero. Milano: Spirali Edizioni, 1982.
11. Auerbach, Erich. "Giambattista Vico e l'idea della filologia". In: *Convivium*, XXIV, 1956.